

SUSTENTABILIDADE E TERRITÓRIO: DESIGN ITALIANO APLICADO NA TUNÍSIA

SUSTAINABILITY AND TERRITORY: ITALIAN DESIGN APPLIED IN TUNISIA

Giuseppe Lotti, Phd (Università degli Studi di Firenze - UniFI);
Ronaldo Martins Glufke, Doutorando (Università degli Studi di Firenze - UniFI);

Palavras Chave

Design; Sustentabilidade; Território; Co-projeção; Contaminação

Key Words

Design; Sustainability; Territory; Co-projection; Contamination

RESUMO

O artigo aborda o tema do design aplicado aos territórios, pela perspectiva da sustentabilidade, apresentando bases teóricas para a ação do designer em experiências participativas, relacionando conceitos sociais e culturais, do design e dos territórios, sob a ótica italiana. O texto apresenta como exemplo o resumo de projetos realizados por alunos e artesãos, em uma narrativa que reforça estas relações na experiência do desenvolvimento co-projetivo de produtos no território de Sousse na Tunísia, através da cooperação entre alunos de Design da Universidade de Estudos de Florença, de escolas da Tunísia e artesãos locais. Resultando em produtos fundamentados pela aplicação do design como solução para a viabilização de modelos produtivos que respeitam e colaboram com a expressão simbólica de traços culturais e funcionais deste território, visando a melhoria das condições socioculturais locais, fortalecendo os conceitos de sustentabilidade para territórios, mesmo diante de uma demanda globalizada.

ABSTRACT

The article deals with the theme of design applied to the territories, from the perspective of sustainability, presenting theoretical bases for the action of the designer in participatory experiences, relating social and cultural concepts, design and territories, from the Italian perspective. The text presents as an example the summary of projects carried out by students and artisans, in a narrative that reinforces these relations in the experience of the co-projective development of products in the territory of Sousse in Tunisia, through the cooperation between Design students from the University of Florence, schools from Tunisia and local artisans. Resulting in products based on the application of design as a solution to the viability of productive models that respect the collaborate with the symbolic expression of cultural and functional traits of this territory, aiming at improving local socio-cultural conditions, strengthening the concepts of sustainability for territories even in face of globalized demand.

1. INTRODUÇÃO

Como premissa, um projeto de design deverá sempre resultar em objetos dotados de um sentido, com uma história que deve ser narrada, explicada e valorizada, isto considerando a questão do designer e sua capacidade em contribuir no desenvolvimento de um território, e ainda, em uma coesão social e na qualidade de vida de quem o habita.

Em um determinado cenário, que tem como ponto central as questões ambientais, e de maneira mais ampla, as questões de sustentabilidade, que reivindicam uma relação com os territórios (grandes ou pequenos) como expressão de um conhecimento; também os valores territoriais e a importância das conexões que existem nestes locais, com suas realidades recentes e uma distante capacidade de ativar mecanismos de inovação, aparecem como uma contribuição ao debate sobre um design, que mais atento ao social, deverá intervir no mérito das questões relativas à globalização. Destacando com uma particular contribuição, uma temática de implicação ética na profissão de designer que nos últimos anos aparece sempre mais como elemento central de debates internacionais sobre este tema.

O professor e pesquisador Ezio Manzini, fala de "localismo cosmopolita", uma realidade que conjuga especificidade de lugares e fenômenos causados pela globalização, além de uma tendência dominante que oscila entre posições territoriais tradicionalmente fechadas e a espetacularização turística emergente de uma tradição, de lugar operante em uma ótica de valorização sustentável dos recursos locais (físicos e sócio culturais). (MANZINI, 2005.)

Com evidente implicação ambiental, em uma produção que se desenvolve em parceria e não em confronto com o território, utilizando fontes locais de energias alternativas, a importância do setor produtivo direciona-se para uma contenção de consumo e uma melhoria na qualidade dos produtos. Quando se tem como contribuição um amplo debate que resulta das temáticas inerentes ao projeto, encarregando-se de implicações que reguardam a uma prefiguração de um modelo produtivo, de desenvolvimento social alternativo, Aldo Bonomi, diz se tratar de "mesclar-se com o meio, entre o fluxo e o lugar, assumindo o território como um novo espaço de ação intermediário e acompanhando a sociedade local em uma 'metabolização' de mudança cultural; podendo-se dizer como um slogan: 'mediar o fluxo para acompanhar o lugar.'" (tradução nossa de BONOMI, 2008. p.132)

Tais considerações, decorrentes do debate envolvendo sustentabilidade, território e design, assumiram uma

crescente importância no confronto envolvendo problemáticas implicadas na globalização, onde cabe ao design, evidenciar a necessidade da preservação de elementos significativos aos lugares, porém, mantendo e fortalecendo uma conexão com setores produtivos em busca de uma excelência de valor de produto.

Se é verdade que a conexão com um território representa uma condição essencial para que estes saberes possam ser reproduzidos e reconduzidos a uma criatividade passada, é sobretudo verdade que uma hibridização é fundamental para conferir aos sistemas artesanais locais, vitalidade e competitividade, e que esta hibridização é seguramente tecnológica e estilística, e também geográfica. [...] De outro modo, o território e a produção que tanto apreciamos, tornam-se particularmente atraentes porque são frutos de passagens, encontros e contaminações. (tradução nossa de GIACCARIA, 2008, p.27)

Onde a recuperação da noção de especificidade regional, consente em uma nova discussão direcionada às relações com lugares e história, entre identidade e produto, considerando sinais que compreendam significados próprios de uma região e que servem de conexão em uma comunidade.

Evidentemente estes sinais sempre existiram, mas que por causa de lentos mecanismos que forçaram um desaparecimento e desconhecimento, foram cancelados da vida das pessoas. Não se trata de retomar uma discussão sobre a conservação de valores, mas de associar significados de uma cultura radicada à noções de universalidade. (tradução nossa de BURKHARDT, 1998, p.18)

2. CONTEXTO

O design aparece intrinsecamente conectado aos preceitos da sustentabilidade, e o seu desígnio sobre os territórios deve sempre ser considerado em um contexto projetual. Projetos que recuperam tipologias e detalhes de uma tradição local, deverão ter em seu núcleo a marca da sustentabilidade aplicada aos territórios através do design.

Este artigo tem como objetivo apresentar uma visão sobre alguns aspectos do design aplicado aos territórios diversos. Apresenta-se como narrativa uma relação entre as bases da sustentabilidade, o design e os territórios sob a ótica italiana. Tomando como exemplos projetos realizados pelo Laboratório de Sustentabilidade do curso de

Design da Università degli Studi di Firenze (Universidade de Estudos de Florença) - UniFI, desenvolvidos por alunos do curso de Design e coordenados pelo professor Giuseppe Lotti, no ano de 2007, com o tema cerâmica para alimentação. A experiência trata de mostrar o desenvolvimento de produtos com artesãos locais da província de Sousse na Tunísia, como resultados do projeto comunitário Euromedsys realizada no âmbito do programa Interreg IIIB MEDOCC, que levou à especificações de projeto para produtos com identidade mediterrânica - HabitatMed, através da cooperação entre alunos de Florença, de escolas da Tunísia e artesãos locais, destacando as premissas de um design aplicado ao território.

A proposta pertence a uma lógica que considera o território como um sistema produtor, com competências, referências e valorização de sua própria identidade, agindo com conhecimento dos desafios a serem confrontados com a globalização, porém abrindo-se à uma rede de conexões, contribuições, saberes externos e à uma solicitação do confronto com uma realidade social, cultural, produtiva, vizinha ou distante, marginal ou periférica deste contexto evidenciado. Sendo que neste mix se pode jogar com o objetivo de uma competitividade e de um desenvolvimento majoritariamente sustentável sob o plano social, econômico e ambiental.

2.1. A competitividade dos territórios

A atenção à temática de caráter social não exime absolutamente a importância do design como um instrumento de competitividade, voltando particularmente a atenção sobre o território como uma expressão de qualidade social, e conseqüentemente, produtiva, em um cenário internacional. Jeremy Rifkin, apresenta uma referência para um plano motor de inovação social, onde se:

[...] coloca mais força sobre as relações comunitárias do que sobre a autonomia individual, mais sobre a diversidade cultural que a assimilação, sobre a qualidade de vida mais que a acumulação de riqueza, sobre o desenvolvimento sustentável mais que o crescimento material, [...]. (tradução nossa de RIFKIN, 2004, p. 5-6)

Antonio Cianciullo e Ermete Realacci formulam uma hipótese fundamentada no conceito de uma economia baseada no conhecimento e na inovação, na história e na identidade, na criatividade e na qualidade. Conseguindo conjugar coesão social e competitividade trazendo força para as comunidades e territórios. Portanto do ponto de

vista competitivo, para os autores:

[...] a tendência ao declínio pode ser invertida transferindo atenção da hard economy das empresas que se repositionam em países emergentes em busca de um baixo custo produtivo, para uma soft economy que se apresenta amparada sobre o conhecimento e sobre a pesquisa, crescendo e desenvolvendo-se junto aos territórios. Unindo a força propulsora da indústria à capacidade de absorver através do tempo o saber tradicional; obtendo os números necessários para uma competição em escala global. Tirando proveito da coesão social, como um valor em si, de extraordinário fator produtivo. (tradução nossa de CIANEIULLO; REALACCI, 2005, p.8)

Tais colocações confrontadas com a dureza e dramaticidade da crise de um modelo econômico e de desenvolvimento, fundamentado sobre o pressuposto de ausência total de regras de convivência civil e conditório social, fazem emergir um novo significado sobre projetos desenvolvidos nos territórios desenvolvidos ou emergentes.

2.2. Artesanato e artesanal

O interesse pela produção artesanal é elemento recorrente na história do design. Enzo Mari, designer italiano, define que o artesanato, através do artesão, assumiu na contemporaneidade dois extremos: daquele que em seu trabalho reúne todas as atividades necessárias para realizá-lo, e aquele em que a propriedade dos meios produtivos, o planejamento e a produção não são realizados por uma única pessoa. (MARI, 1981)

Contudo na metade dos anos 80, Branzi falava de um novo artesanato, como ambiente de experimentação do jovem design italiano, onde o protótipo ou uma pequena série não são oponentes de uma produção em série, pressupõem sua produção como possível em uma sucessiva fase projetual que o artesanato permite. A peça única, o modelo reproduzível com repetição limitada de um protótipo, é, uma consequência do valor experimental do projeto, e não uma premissa teórica. Deste modo, o novo artesanato se apresenta ao lado ou a frente da produção em série, e não em oposição. Mas cumprindo uma função de laboratório experimental da indústria, realizando modelos que ampliam o atual repertório que compõe o design industrial, no qual as margens de renovação, que se mantêm dentro da própria experiência da indústria, permanecem sempre mais limitados à reciclagem dos

mesmos sistemas produtivos, já amplamente confirmados. (BRANZI, 1999)

Uma classificação mais recente define o artesão como: Artesão Artista (criativo com habilidades manuais, isolado entre os mundos da arte e do design), Artesão Típico (fortemente ligado a um território, um depositário de técnicas, processos e linguagens para as quais geralmente não propõe uma atualização), Artesão Industrial (que participou da criação de um produto industrial com peças que contribuem para aumentar o seu valor), Artesão Técnico (que fabrica peças técnicas ou modelos ou protótipos, ou mesmo produtos de alta tecnologia) e Artesão de Luxo (que opera em setores de alto valor agregado - de joias à moda). (DE GIORGI; GERMAK, 2008)

As possibilidades de uma produção não seriada, mas plural, capaz de valorizar as peculiaridades dos territórios a que pertencem, trazem uma qualidade que é de importância crescente, em face aos desenvolvimentos econômicos recentes que estão trazendo, como parte de um maior compromisso com as questões sociais e ambientais, um interesse mais ligado aos modelos de desenvolvimento dos territórios e, conseqüentemente, indo em direção a produtos não-globalizados, que sem cometer o pecado de vernaculismo, podem participar de uma contemporaneidade complexa.

2.3. Objeto como produto cultural

A fabricação pode derivar sua força através de setores diversos, mantendo a expressão de raízes locais, isto é válido sobretudo no caso de contextos em que o coletivo ocupa um papel significativo. A manutenção da pesquisa e prática do design para o patrimônio cultural, destaca que a sua utilização e objetivo estratégico para um sistema local, não podem ser considerados apenas como um recurso, mas como "[...] patrimônio de identidade civil da memória, cuja socialização é necessária para ativar os processos de integração, reconhecimento e participação de indivíduos e comunidades." (tradução nossa de LUPO, 2009, p.14)

Para Maria Benedetta Spadolini e Paola Gambaro, uma correta e eficiente combinação de cultura, ambiente e turismo, pode determinar novas soluções de negócios capazes de gerar o crescimento econômico e empregos, estabilidade e competitividade. O design sustentável com o desenvolvimento de soluções paralelas às tradições locais, tendo no projeto territorial ações que interagem diretamente nos setores do patrimônio cultural e do turismo. O design como contribuição na valorização de um território, reconhecendo-o como recurso estratégico

para ser aproveitado, promovendo a economia e cultura. (GAMBARO; SPADOLINI, 2006)

2.4. A ritualidade das coisas

Trabalhar com territórios, com antigas tradições de produção das quais pouco resta hoje, abrange um significado que vai muito além dos aspectos puramente econômicos. Diante de uma desritualização progressiva dos objetos que nos rodeiam devido à sua multiplicação infinita, indeterminação (já não sabe quem os fez, como, ou onde) e superficialidade simbólica, a produção artesanal pode assumir um novo significado: não apenas como uma experimentação antes da produção industrial, ou a expressão de uma produção local plural, mas sim, na construção de coisas, cobrindo-as com significados mais profundos e estimulando novas emoções.

[...] A história da etnologia (ciência comparativa das culturas humanas, que como disciplina científica concentra suas pesquisas sobre as relações e interações das comunidades étnicas) ensina que o processo de avanço das civilizações no sentido de uma sociedade industrializada corresponde à uma absorção contínua de unidades sociais ou tribos, por unidades maiores e populações mais fortes. Onde desaparecem em seguida, os objetos rituais, os sinais e tradições específicas, que deixaram na história ricos testemunhos de uma grande variedade e diversidade de formas sociais e objetos. (tradução nossa de BURKHARDT, 1998, p.8-9)

Assim, produtos a serem concebidos podem ser carregados com significados quase arquetípicos, recuperando formas, significados e elementos sacrais das mais antigas tradições. Enquanto que em outros casos podem ser atemporais, apenas com formas essenciais, que poderiam ter nascido há milhares de anos. Um percurso que contrasta com a nossa imaginação cada vez mais materialista, economicista e tecnicista. Pode-se considerar um "reencantamento do mundo", cada vez mais difícil de ser concebido, como define o filósofo francês Serge Latouche. (LATOUCHE, 2009).

2.5. Projeto e descolonização

O tema de confronto é abordado com um foco especial sobre os países em desenvolvimento e sua dependência nos processos de modernização. Gui Bonsiepe afirma que devemos olhar para a possibilidade de que nestes países

é afirmado um modelo de desenvolvimento alternativo ao europeu, quase de dependência. E nessa perspectiva, o projeto deve apresentar-se como uma possibilidade de descolonização, que se baseia na produção de objetos com materiais locais e de baixa tecnologia, com a intensidade do trabalho e não do capital, preservando a identidade cultural e trabalhando para as classes mais pobres. (BONSIEPE, 1993)

Atualmente se faz necessário um modelo de design que tenha cada vez mais a urgência de uma abordagem crítica, com atenção renovada aos países emergentes e seu desenvolvimento. O tema é amplo e com uma atenção especial dedicada principalmente aos grandes problemas - a fome, água, energia. A atenção do design deve estar voltada para as questões mais estreitamente ligadas ao desenvolvimento produtivo e social destes territórios. Contudo, passaram-se cerca de cinquenta anos desde a primeira consideração sobre este tema por parte de estudiosos do design e a situação em muitos dos países em desenvolvimento do mundo não se alterou, possivelmente até piorou.

2.6. Contaminação

O termo contaminação torna-se uma expressão e, ao mesmo tempo, teste de um desejo de confronto, intercâmbio e diálogo entre as culturas diversas e objetivando um resultado global. As características dos objetos contemporâneos e sua complexidade, no momento da concepção e desenvolvimento, são definidas para que o mesmo objeto seja concebido, montado, produzido em série, comunicado, embalado, comercializado e vendido em diferentes partes do planeta. E em todos esses lugares diferentes, este produto é recebido e absorvido, passando a fazer parte de um contexto.

Para o antropólogo italiano Vito Teti, apresenta-se um cenário de trocas entre territórios de perto e de longe, o que configura sempre uma relação entre pessoas, um confronto, talvez mais fácil, se incluirmos aqueles que vivem à margem do desenvolvimento, incluindo a não-centralidade, os territórios periféricos, como uma contribuição para o debate da coesão cultural e social. Uma troca que se move pelo desejo de recuperar uma dimensão mais profunda dos produtos, uma relação mais emocional e duradoura com os objetos que nos cercam. (TETI, 2009)

3. PROJETO NA TUNÍSIA

Em uma perspectiva mais ampla, sobre as possibilidades de ação em territórios em desenvolvimento, tomaremos como exemplo os projetos realizados pelo

Laboratório de sustentabilidade da UniFI, coordenados pelo professor Giuseppe Lotti, na província de Sousse, na Tunísia, com o tema cerâmica para alimentação, como uma alternativa para o território Mediterrâneo.

O território Mediterrâneo sul, considerado como território em desenvolvimento em relação ao modelo europeu, recebe através das trocas entre estes dois modelos, medianamente, as benesses do bem-estar econômico, mas falha ainda em termos de sustentabilidade ambiental. Apresenta um desenvolvimento lento, sujeito à ameaça de ocidentalização descontrolada, mas que ainda se expressa em continuidade com o território, em uma relação com a tradição e com laços sociais fortes.

Nessa relação nascem os produtos: Ifidek - recipiente para o pão com azeite, e Tawila - mesa para o chá de menta tunisiano. Uma base comum para interpretações diferentes atribuídas a estudantes das duas margens do Mediterrâneo, a partir de uma oficina desenvolvida com a participação de artesãos locais.

IDIFIDEK - recipiente para o pão com azeite. (projeto das alunas Marwa Baccouch e Michela Bidetti)

O produto Idifidek, recipiente para o pão com azeite, típico da cozinha tunisina, nasce dentro do âmbito desta cooperação entre escolas e artesãos locais, através da definição de palavras-chave organizadas a partir de um brainstorming direcionado. Isto para criar níveis de uma leitura de cenário articulada, para fornecer aos designers envolvidos na ação uma espécie de briefing.

Trabalhou-se nos níveis do brainstorming com palavras-chave e significações. Baseou-se em: beleza - inovar na tradição; equilíbrio - desenvolver com a natureza; identidade - encontrar-se na diversidade; pertencente a - produzir como identidade e ritualidade - evocar significados. Na oficina, com um alinhamento direto entre os designers das duas margens do Mediterrâneo, definiu-se a tarefa de produzir objetos emblemáticos capazes de contar e, se possível, enriquecer o conteúdo das especificações de projeto.

O projeto se move dentro da definição da identidade mediterrânea de vida entendida como uma realidade que existe apenas com a pluralidade de identidades. Pensar em um habitat mediterrâneo significa também pensar no híbrido, no misto, enfim, em uma abertura cultural verdadeira. (FURLANIS; LOTTI; MECCA, 2004)

Cenário: o produto nasce de uma colaboração entre Marwa Baccouche (aluna tunisiana) e Michela Bidetti (aluna italiana). O projeto se encaixa dentro da comparação de identidade como uma proposta que, em torno da

cozinha, buscou construir uma plataforma para o intercâmbio entre as duas margens do Mediterrâneo. Um projeto voltado à colaboração entre os alunos de diferentes países, ponto declarado como um dos objetivos definidos na oficina.

Projeto: Idifidek é um recipiente para o pão com azeite, uma tradição da Tunísia, e que geralmente se trata de um grande prato fundo com furos no centro e um segundo recipiente de coleta embaixo. Este conjunto se apresenta para resolver o problema do excesso de azeite, que por sua vez fica depositado no segundo pote. A parte superior (prato) tem perfurações que permitem que o excesso de óleo escorra para o segundo recipiente, podendo posteriormente ser reutilizado. Este produto representa uma tradição do passado, das famílias abastadas que mantinham o óleo em recipientes, que tinham uma abertura superior a partir do qual escorria o excesso de produto a ser redistribuído para os pobres posteriormente.

Figura 01 - Idifidek - pesquisa sobre aspectos culturais.



Fonte: Lotti, G. Teritori & Conessioni, 2010. p.114.

Figura 02 - Idifidek - prototipação artesanal.



Fonte: Lotti, G. Teritori & Conessioni, 2010. p.114.

Figura 03 - Idifidek - prato para o pão com azeite, produção de artesão local.



Fonte: Lotti, G. Teritori & Conessioni, 2010. p.112.

Figura 04 - Idifidek - prato para o pão com azeite, modelo final.



Fonte: Lotti, G. Teritori & Conessioni, 2010. p.115.

TAWILA - mesa para degustação do chá de menta tunisiano. (projeto do aluno Guido Garotti)

O produto foi desenvolvido como parte da oficina realizada em Sousse, na Tunísia em cerâmica para alimentação, com participação de alunos tunisianos e italianos, artesãos e com o envolvimento de empresas pertencentes ao distrito produtivo local - cerca de 300 empresas, de

pequena e média dimensões.

O projeto apresenta o conteúdo de uma oficina que ser dividiu em 9 dias de trabalho, e uma reunião de apresentação da pesquisa desenvolvida para as empresas locais. Envolvendo visitas às empresas e definição dos cenários, com o objetivo de trabalhar em uma inovação não só formal, mas funcional, ligada às tendências emergentes, à concepção e à realização de protótipos desenvolvidos na fase de pré-queima. De acordo com as possibilidades, foram criados grupos de trabalho formados por estudantes de escolas diferentes, visando criar uma conexão, uma troca de ideias e uma contaminação criativa. Durante as fases de desenvolvimento do projeto foram apresentadas algumas recentes experiências de experimentação sobre a forma e tecnologia do setor da cerâmica.

Cenário: Tawila representa a vontade de cooperação em uma produtiva troca cultural. Como bem explica o escritor e poeta marroquino Tahar Ben Jelloun "[...] para melhor compreender, deve-se tomar o lugar do próximo, para não fazer ao outro o que não desejaria que fosse feito a mim. Não sei como chamar este comportamento, mas acredito que seja produtivo. Para compreender, necessita empatia." (tradução nossa de JELLOUN, 2006). A mesa para degustação do chá de menta, nasce de uma estreita colaboração entre estudantes de diferentes nacionalidades e a escolha da tipologia de produto foi emblemática, onde a mesa aparece como elemento de conexão, por seu valor de ritualidade, por sua delicadeza gestual e pelo valor da degustação.

Projeto: O produto deriva de uma co-projeção decorrente da oficina, contudo, foi interpretado por quatro estudantes de diferentes nações, através da lente de sua própria cultura, apresentando-se como exemplo concreto de uma possibilidade de miscigenação do mediterrâneo. Podendo ser apresentado em duas versões: uma para o chá de menta com recipiente central e textura derivada de fibras vegetais, que apresenta a possibilidade de separar a menta do infuso, mostrando-a como em um vaso de flores, e outra para aperitivo com vaso no centro e possibilidade de pequenas porções de comida, reinterpretando formas tradicionais que deixam espaço para alimentos que tradicionalmente acompanham o chá, como amêndoas e pinolis (fruto ou pinhão do Pinho Marítimo ou Pinheiro-bravo, árvore típica do Mediterrâneo). Trabalhou-se para assegurar a possibilidade de se ter os utensílios de mesa e os relativos copos de chá em uma única bandeja, criando um porta-copos que pode ser utilizado também como porta porções.

Figura 05 - Tawila - pesquisa realizada sobre aspectos culturais.



Fonte: Lotti, G. Teritori & Conessioni, 2010. p.118.

Figura 06 - Tawila - prototipação artesanal.



Fonte: Lotti, G. Teritori & Conessioni, 2010. p.118.

Figura 07 - Tawila - desenvolvimento e prototipação com artesãos locais



Fonte: Lotti, G. Teritori & Conessioni, 2010. p.118.

Completam o projeto uma decoração geométrica tradicional do território que recobre a parte superior do produto e a esmaltação. Os copos passantes por orifícios abertos no corpo da bandeja são esmaltados até a linha de conexão, deixando a parte inferior descoberta, quase por assinalar um menor significado, porém como um detalhe estético e funcional relevante ao ponto que define uma área de maior aderência para a pega.

Figura 08 - Tawila - mesa para o cha de menta, modelo final.



Fonte: Lotti, G. Teritori & Coessiononi, 2010. p.119.

Figura 09 - Tawila - mesa para o cha de menta, modelo final.



Fonte: Lotti, G. Teritori & Coessiononi, 2010. p.119.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A constatação de que design e sustentabilidade se conectam diretamente ao tema dos territórios, como se

buscou demonstrar neste artigo, pela ótica da ativação de uma colaboração cognitiva mas acima de tudo projetual e produtiva entre o design italiano e o território tunisiano, pode existir entre territórios diversos, não somente porque a busca pela competitividade passa por essas trocas, mas também porque aprender a pensar por um design sustentável significa adquirir a consciência da importância dos territórios a que pertencemos e daqueles em que desejamos atuar.

Em um contexto particularmente preparado para verificar a lógica do encontro, das trocas e das contaminações entre os estudantes, docentes e artesãos, que portam consigo diferentes bagagens projetais e produtivas, os projetos foram desenvolvidos a partir de uma colaboração de interpretação, que transformou possivelmente para melhor seus participantes. Os estudantes inicialmente se apresentaram surpresos pela realização de uma projeção, em partes diversa da que inicialmente havia sido planejada a partir da oficina, mas que foi sendo adaptada, permanecendo os valores da condisão, da contaminação, da continuidade de uma tradição e de uma concreta materialização, uma co-projeção de acordo com o objetivado.

Nesta ótica, os projetos desenvolvidos fortalecem os conceitos de sustentabilidade direcionados aos territórios, pautados pela aplicação do design como solução para a viabilização de modelos produtivos que respeitam a colaboram com a manutenção de elementos locais, visando uma melhoria das condições socioculturais destes lugares. Os produtos realizados representam uma carga simbólica, de uma tradição funcional e cultural deste território na Tunísia, e os resultados alcançados através desta co-projeção e contaminação de pessoas, culturas e conhecimentos, representa a clara possibilidade de manutenção de valores territoriais através de produtos desenvolvidos para afrontar uma demanda globalizada.

REFERÊNCIAS

BONOMI, Aldo. *Coscienza di classe, coscienza di luogo*. In: SOFRI, Adriano et al. **Sinistra senza sinistra**: idee plurali per uscire dall'angolo. Milão: Feltrinelli, 2008.

BONSIEPE Gui. **Teoria e pratica del disegno industriale**: elementi per una manualistica critica. Milão: Feltrinelli, 1993.

BRANZI, Andrea. **La casa calda**: esperienze del nuovo design italiano. Milão: Idea Books, 1999.

BURKHARDT, Francois. La difficoltà di risolvere un rapporto sfalsato: a proposito dell'artigianato e del design. In: LA PIETRA, Ugo (Org.). **Fatto ad arte**: arti decorative e artigianato. Milão: Triennale di Milano, 1998.

CIANEIULLO, Antonio; REALACCI, Ermete. **Soft economy**. Milão: Bur, 2005.

DEGIORGI, Claudia; GERMAK, Claudio (Ed.). **Manufatto**: Artigianato, Comunità, Design. Milão: Silvana Editoriale, 2008.

FURLANIS Giuseppe; LOTTI, Giuseppe; MECCA, Saverio (Ed.). **Abitare Mediterraneo**: contributi per una definizione. Bagno a Ripoli: Grafiche Martinelli, 2004.

GAMBARO, Paola; SPADOLINI, Maria Benedetta. D.Cult. Il design per la valorizzazione dei beni culturali: strategie, strumenti e metodologie di progetto. In: CRISTALLO, Vincenzo et al. **Design, territorio e patrimonio culturale**. Nápoles: Clean, 2006.

GIACCARIÀ, Paolo. Artigianato e identità: il dilemma della cultura materiale. In: DEGIORGI, Claudia; GERMAK, Claudio (Ed.). **Manufatto**: Artigianato, Comunità, Design. Milão: Silvana Editoriale, 2008.

JELLOUN, Tahar Ben. **Non capisco il mondo arabo**: dialogo tra due adolescenti. Milão: Bompiani, 2006.

LATOUCHE, Serge. **Mondializzazione e decrescita**: l'autre Afrique. Tradução para o italiano de Vito Carassi. Bari: Dedalo, 2009.

LOTTI, Giuseppe. **Territori & conessioni**: design come attore della dialettica tra locale e globale. Pisa: Edizione ETS, 2010.

LUPO, Eleonora. **Il design per i beni culturali**: pratiche e processi innovativi di valorizzazione. Milão: Franco Angeli, 2009.

MANZINI Ezio. Un localismo cosmopolita: prospettive per uno sviluppo locale sostenibile ed ipotesi sul ruolo del design. **SDI DESIGN REVIEW** – Sistema Design Italia Magazine. n. 2. Milão, 2005.

MARI, Enzo. **Dov'è l'artigiano**. Florença: Electa, 1981.

RIFKIN, Jeremy. **Il sogno europeo**. Tradução para o italiano de Paolo Canton. Milão: Mondadori, 2004.

TETI, Vito. Geografie ed etnografie dell'interno. In: PETROSEWICZ Marta; SCHNEIDER Jane; SCHNEIDER Peter (Ed.). **I Sud**: conoscere, capire, cambiare. Bolonha: Il Mulino, 2009.